

“RAIO X DO BRASIL”: ANÁLISES DO MAPEAMENTO DA CULTURA HIP-HOP NACIONAL E SUA POTÊNCIA EDUCADORA

Ellen Gonzaga Lima Souza¹

Maurício de Sena Monteiro²

Priscilla Marques Campos³

Resumo: O artigo apresenta uma análise preliminar dos dados coletados a partir do edital "Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop" (Seleção nº 10/2023), promovido pelo Ministério da Cultura. A iniciativa buscou mapear a diversidade da cultura *Hip-Hop* no Brasil, destacando a importância dessa expressão cultural enquanto movimento de resistência e denúncia das violências que afetam as juventudes periféricas e corpos negros. A pesquisa foi realizada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), no campus Guarulhos, em colaboração com o Núcleo Negro UNIFESP Guarulhos (NNUG). O artigo tem também como objetivo analisar a interseção entre o Movimento Negro Educador e o *Hip-Hop*, destacando como ambos atuam como ferramentas pedagógicas para a conscientização racial e a transformação social. O *Hip-Hop*, ao emergir das periferias urbanas, promove uma educação crítica e acessível que vai além do espaço escolar tradicional, ressignificando a identidade negra e ampliando as formas de resistência contra as opressões sociais. As letras de *rap*, ao abordar temas como marginalização e violência, criam um diálogo com as lutas das populações negras, reforçando a importância de uma pedagogia inclusiva e transformadora.

Palavras-chave: *Hip-Hop*; Educação; Cultura; Movimento Negro.

“RAIO X BRASIL”: ANALYSES OF THE MAPPING OF NATIONAL HIP-HOP CULTURE AND ITS EDUCATIONAL POTENTIAL

Abstract: The article presents a preliminary analysis of the data collected from the "Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop" (Selection nº 10/2023) call for submissions, promoted by the Ministry of Culture. This initiative aimed to map the diversity of Hip-Hop culture in Brazil, highlighting the significance of this cultural expression as a movement of resistance and denunciation of the violence affecting peripheral youth and Black bodies. The research was conducted at the Federal University of São Paulo, Guarulhos campus, in collaboration with the Núcleo Negro (NNUG). The aim of this article is to analyze the intersection between the Black Educator Movement and Hip

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, e-mail: ellen.souza@unifesp.br; IG: @laroye_grupo de pesquisa

² Graduando em História pela Universidade Federal de São Paulo, e-mail: mauricio.monteiro@unifesp.br. IG: mauricio_monteiro00

³ Doutoranda em História pela Universidade Federal de São Paulo, e-mail: priscilla.marques@unifesp.br. IG: @historiadoraobstinada

Hop, emphasizing how both function as pedagogical tools for racial awareness and social transformation. Hip-Hop, emerging from urban peripheries, fosters a critical and accessible form of education that transcends the traditional school environment, re-signifying Black identity and expanding forms of resistance against social oppression. Rap lyrics, by addressing themes such as marginalization and violence, establish a dialogue with the struggles of Black communities, reinforcing the importance of an inclusive and transformative pedagogy.

Keywords: Hip-Hop; Education; Culture; Black Movement.

Introdução

*E não rimo nada, que não seja de coração
Os cara fala, filho da puta ele tem dez pulmão
E eu largo esses tipo de flow, às vezes só pra chamar a atenção
E falo que flow não é porra nenhuma se não tem nada de informação né não?
Mensageiro sim senhor
Vagabundo se emociona
Porque sente o espírito dos ancestrais, Griot!
Eu vim pra provar que a cultura não acabou.⁴*

Iniciamos este artigo com essa referência ao MC Marechal, nascido em 1981 na cidade de Niterói/RJ. Conhecido por ser um dos idealizadores das Batalhas do Conhecimento, o MC tem uma carreira como artista independente e ativista da cultura *Hip-Hop*. Nessa música, chamada "Griot", de 2011, trouxe a importância da mensagem, do conhecimento que enfrenta e liberta, assim como a referência aos *griots*, que são conhecidos como homens mais velhos negros, contadores de histórias, músicos, mensageiros e guardiões das tradições ancestrais da África Ocidental.

Neste artigo, temos como objetivo apresentar uma análise quantitativa e preliminar dos dados provenientes do "Edital Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop" (Seleção nº 10/2023), do Ministério da Cultura (MinC), do ano de 2023. Na Universidade Federal de São Paulo, no campus Guarulhos, onde se localiza a Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, o projeto trabalhou de forma interdisciplinar e com apoio do Núcleo Negro UNIFESP Guarulhos (NNUG), com os dados provenientes do

⁴ MC MARECHAL | | Griot. [S.l.: s.n.], 2014. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Âncora Trap. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eH2doV-F1zM>. Acesso em: 10 set. 2024.

edital, que foi denominado “Diagnóstico da Diversidade da Cultura Hip-Hop Brasileira”.

A publicação dessa iniciativa pelo MinC de premiação foi uma oportunidade significativa para fortalecer a cultura *Hip-Hop*, que se desenvolveu como um movimento de arte, resistência e denúncia das violências que afetam, em sua maior parte, a juventude das periferias e os corpos negros. A fim de premiar artistas dos cinco elementos, sendo eles de forma ampla: *graffiti*, *breaking*, *Mc*, *Dj* e o conhecimento.

O nome do edital se relacionou diretamente com o maior movimento de coalização da cultura *Hip-Hop* da América Latina, a Construção Nacional⁵ (CN) do *Hip-Hop*, que está presente nas 27 unidades federativas, com participação de cerca de 10 mil *hip-hoppers* brasileiros(as) e imigrantes. A CN realizou um inventário participativo iniciado em março de 2023, com a finalidade de pleitear o título de Patrimônio Imaterial para a cultura, junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). No ano simbólico do Cinquentenário Mundial da cultura que nasceu no Bronx, em Nova Iorque, em 1973, com o jamaicano DJ Kool Herc, junto com os precursores Grandmaster Flash de Barbados e o afro-americano Afrika Bambaataa da Zulu Nation.⁶

A CN é um movimento nacional, uma coalização história e inédita, sendo uma ampla frente que congrega entidades e indivíduos, como foi possível constatar por meio de seu documento⁷ enviado ao MinC, contando com 724 assinaturas de artistas, coletivos e crews. A equipe responsável pela organização desse inventário foi composta pelas seguintes personalidades: Rafa Rafuagui (Facilitador Geral da Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); José Carlos Zuruka (Facilitador Geral da Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); Cláudia Maciel (Facilitadora Geral de Comunicação da

⁵ Instagram: @cnacionalhiphop. E-mail: construcaonacionalhiphop@gmail.com.

⁶ FÉLIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. Curitiba: Appris, 2018.

⁷ CONSTRUÇÃO Nacional: 50 anos da cultura hip-hop. *Inventário participativo da cultura hip hop brasileira*. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/movimento-realiza-pedido-de-registro-do-hip-hop-como-patrimonio-cultural-do-brasil-1/VersoPrincipallnventrioParticipativo.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); Vitória Arêdes (Facilitadora Jurídica da Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); André Luís Kuboyama Bomfim — *B-boy Jaspion 84* (Facilitador Jurídico da Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); Fernanda Oliveira (Facilitadora da Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); Wesley Cairo Pereira de Sousa — *DJ Bengala* (Facilitador da Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); Juliana Pereira Oliveira (Facilitadora da Construção Nacional da Cultura *Hip-Hop*); e Fulvio Botelho (Museólogo do Museu da Cultura *Hip-Hop* RS).

Por estarmos no território do estado de São Paulo, aproveitamos para destacar três ações institucionais que fazem parte da agenda da cidade e que se relacionam com a luta pelo reconhecimento patrimonial que a CN busca, isto é, potencializar a cultura pelo Brasil.

Nesse sentido, referenciamos a Lei 13.924/2004, que instituiu a “Semana do Hip-Hop”, com contratação de artistas para realização de shows gratuitos pela cidade⁸. Atualmente, a iniciativa se chama “Mês do Hip-Hop” e vem sendo organizada por meio da sociedade civil em parceria com o Núcleo de Hip-Hop⁹ da SMC, a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania.¹⁰

Aprovada pela Assembleia Legislativa de São Paulo, a Lei 498/2021 tornou o *Hip-Hop* Patrimônio Imaterial do Estado. Essa conquista foi resultado de uma união de esquerda com o Partido Comunista do Brasil (PcdoB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido dos Trabalhadores (PT). A autoria da lei é atribuída a Leci Brandão, com coautoria de Marcio Nakashima, Márcia Lia e Emídio de Souza.

Por fim, o edital “Território Hip-Hop” teve sua primeira edição em 2021 e, no momento da redação deste artigo, teve sua edição suspensa no ano de 2024, sem previsão de calendário para ocorrer em 2025. O “Território Hip-Hop”

⁸ SÃO PAULO (Município). *Lei nº 13.924, de 22 de novembro de 2004*, institui a Semana do Hip-Hop no Município de São Paulo, a ser comemorada, anualmente, na segunda quinzena do mês de março, e dá outras providências. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo, 2004.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/culturahiphopsp/>. Acesso em: 23 set. 2024.

¹⁰ CREDENCIAMENTO artístico para apresentações durante o mês do Hip Hop 2024 segue até domingo (26). *Cidade de São Paulo*, 2023. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/butanta/w/noticias/136144>. Acesso em: 23 set. 2024.

é um programa para arte educadores, de formação artística, promovido pela SMC, voltado para adolescentes, jovens e adultos a partir dos 12 anos.

O objetivo do Território foi de fortalecer a cultura *Hip-Hop*, promovendo a circulação de conhecimento entre artistas das diversas regiões da cidade, formando as novas gerações por meio de aulas/vivências gratuitas, com o credenciamento de arte-educadores. As pessoas que atuam como arte educadoras e coordenação artística/pedagógica também realizam articulação com escolas públicas e Centros para Crianças e Adolescentes que pertencem à Diretoria Regional de Educação (DRE) e demais espaços públicos que ficam no entorno, de acordo com a disponibilidade das mesmas. Para as atuações nas casas de cultura, destacamos a Casa de Cultura Hip-Hop Sul, na Vila São Pedro, a Casa de Cultura Hip-Hop Leste, na Cidade Tiradentes, e a Casa de Cultura Itaim Paulista.

Apesar de tais ações serem impactantes, o movimento paulista constantemente faz pressão junto aos(as) outros(as) trabalhadores(as) da cultura na cidade para a ampliação de verbas, contratações e melhores condições de trabalho para as iniciativas mencionadas.

Sendo assim, a seguir, foi feita a produção dos dados quantitativos do edital promovido pelo MinC “Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop”, bem como uma análise do potencial educador que o *Hip-Hop* tem e suas conexões contemporâneas. A produção de dados é essencial para a criação de políticas públicas, pois fornece evidências concretas para identificar as necessidades e diagnosticar o panorama social da cultura Hip-Hop.

Dados preliminares da cultura Hip-Hop brasileira

A pesquisa teve como espaço de coleta de dados os formulários de inscrição preenchidos pelas pessoas e grupos que se inscreveram para concorrer aos prêmios do “Edital Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop”, na plataforma Cultura Viva no ano de 2023. No segundo momento, após as inscrições terem sido avaliadas pelos pareceristas, a equipe da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) estruturou um formulário para

reunir informações para a elaboração do corpo documental coletado a partir das inscrições presentes na plataforma. Assim, foi possível chegar ao total de 2.551 inscrições válidas. Foram retiradas as repetidas e incompletas para contabilização das informações e aquelas que foram enviadas para Brasília pelos Correios para a construção deste mapeamento. Nessa etapa, estiveram presentes em torno de 40 bolsistas e voluntárias da UNIFESP, especialmente do NNUG, que foram responsáveis por esse resultado.

A diferença entre o questionário utilizado para as inscrições no site da Cultura Viva e para o formulário utilizado para a produção de dados buscou identificar: qual expressão do *Hip-Hop* (DJ, MC, *breaking*, *graffiti* e conhecimento) era predominante na inscrição; a faixa etária a qual pertencia a pessoa proponente; o pertencimento a comunidades de terreiro; e se a inscrição tinha um destaque maior para uma das seguintes categorias: Educação e Movimento Negro, Mulheres, LGBTQIAPN+ e Povos de Terreiros.

Para analisar os dados quantitativos da pesquisa, utilizamos como referência metodológica o trabalho do sociólogo argentino Carlos Hasenbalg, “Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil”, publicado em 1979, proveniente de sua tese de doutorado realizada na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Márcia Lima¹¹ avaliou que essa obra, mesmo 40 anos após a sua publicação, se manteve atual para o entendimento dos estudos raciais no Brasil. Hasenbalg havia analisado o desenvolvimento das desigualdades raciais por meio dos censos de 1940 e 1950, junto com as informações provenientes do survey da pesquisa “Representação e Desenvolvimento no Brasil”. Isso “lhe permitiu fazer um estudo de mobilidade intergeracional e intrageracional demonstrando um ‘ciclo de desvantagens cumulativas’ para os não brancos. Tudo muito pioneiro”.¹² Correlacionamos a essa investigação

¹¹ LIMA, Márcia. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil: obra de Carlos Hasenbalg quarenta anos depois. *Novos Estudos CEBRAP*, s.d. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/discriminacao-e-desigualdades-raciais-no-brasil-obra-de-carlos-hasenbalg-quarenta-anos-depois/#gsc.tab=0>. Acesso em: 1 out. 2024.

¹² LIMA, Márcia. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil: obra de Carlos Hasenbalg quarenta anos depois. *Novos Estudos CEBRAP*, s.d. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/discriminacao-e-desigualdades-raciais-no-brasil-obra-de-carlos-hasenbalg-quarenta-anos-depois/#gsc.tab=0>. Acesso em: 1 out. 2024.

pois uma das questões que tem sido pauta nas mensagens que o *Hip-Hop*, enquanto movimento produtor de conhecimento, realiza é a denúncia ao racismo, como podemos observar no álbum pioneiro dos Racionais MC's, *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997.

Dessa forma, os esforços em conciliar abordagens quantitativas e qualitativas têm sido uma saída interessante para melhorar a compreensão e aferição das desigualdades raciais. Os achados quantitativos constituem um ponto de partida fundamental para os estudos qualitativos, pois muitas respostas para as desigualdades aferidas estatisticamente precisam ser observadas sob uma perspectiva complementar.¹³

Em outro artigo, Márcia Lima¹⁴ apontou a importância de conciliar abordagens quantitativas e qualitativas para aprofundar a compreensão das desigualdades raciais. Nossa pesquisa com o *Hip-Hop*, portanto, agiria como uma ferramenta de interpretação qualitativa dessas experiências, traduzindo números em histórias humanas e reivindicações políticas, o que complementa e fortalece a análise acadêmica/política das desigualdades sociais e raciais. Assim, os resultados quantitativos podem ser enriquecidos pelas perspectivas e vivências que a cultura *Hip-Hop* traz, oferecendo uma compreensão mais ampla e multifacetada das conjunturas.

Posto isso, a partir das 2.551 inscrições cotejadas, ponderamos que esses dados não expressam o conjunto do movimento *Hip-Hop* contemporâneo, mas uma amostra a partir de pessoas e grupos que estiveram próximos à Construção Nacional do *Hip-Hop*, conectados às agendas de editais públicos e interessados em geral. Indica-se também a margem de erro aproximada de 0,1% – 1,0% e que todos os gráficos foram de nossa produção.

No quesito da categoria da inscrição, ou seja, a modalidade que a pessoa proponente indicou no portal, foram registrados os seguintes percentuais: Pessoa Física (81%), Grupos, Coletivos e Crews (13,9%) e Instituições Sem Fins Lucrativos (4,9%).

¹³ LIMA, Márcia. A obra de Carlos Hosenbalg e o seu legado à agenda de estudos sobre desigualdades raciais no Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 919-933, 2014. p. 928.

¹⁴ LIMA, Márcia. A obra de Carlos Hosenbalg e o seu legado à agenda de estudos sobre desigualdades raciais no Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 919-933, 2014.

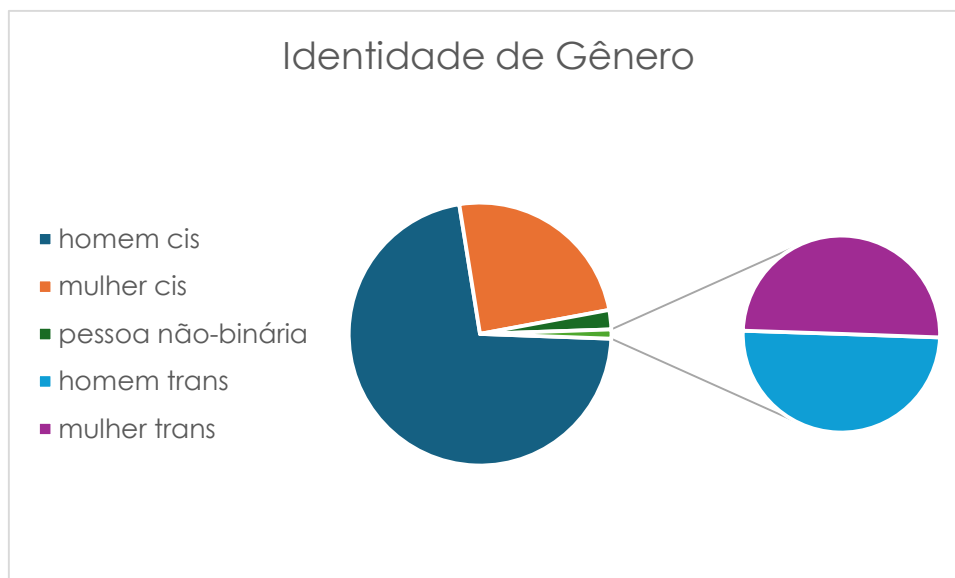


Gráfico 01: Identidade de gênero¹⁵.

No Gráfico 1, contamos em ordem decrescente foi: homens cis (71,9%), mulheres cis (24,5%), pessoa não binária (2,3%) e homens e mulheres trans (1%). Dessa forma, foi possível analisar um cenário em que a maioria das pessoas inscritas eram homens cis, seguidos por mulheres cis. Em nossa pergunta interna à equipe por meio do instrumento de coleta que produziu os dados gerais da pesquisa, questionamos se a inscrição teria, de alguma forma, relação com a temática de Mulheres, sendo identificadas 498 inscrições relacionadas a essa temática, contabilizando 19,5%.

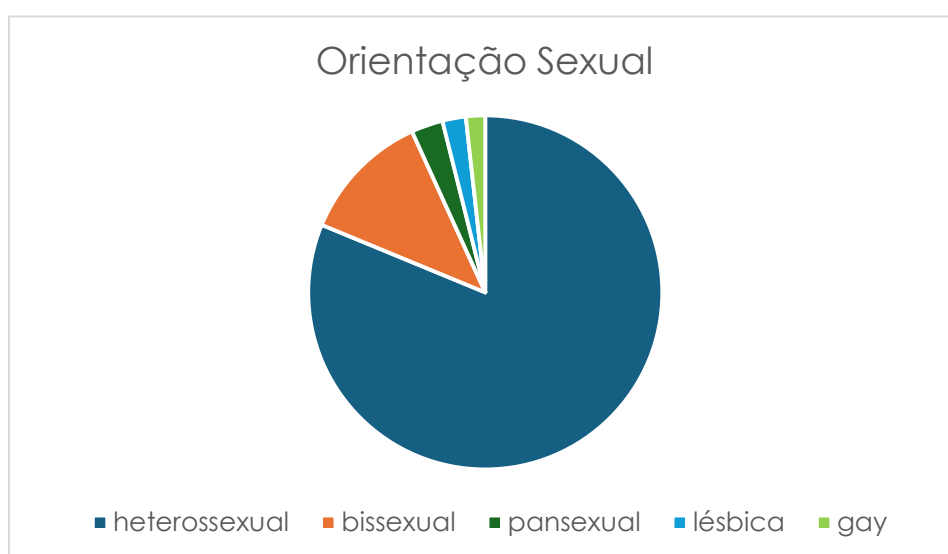


Gráfico 02: Orientação sexual.

¹⁵ Todos os gráficos são inéditos e produção própria.

No Gráfico 2, pode-se analisar que a maioria das pessoas inscritas se autodeclarou heterossexual, com 81,2%, seguidas por 11,9% de bissexuais, 2,9% de pansexuais, 2,11% de lésbicas e 1,1% de gays. Ainda nesse sentido, para a pergunta de autodeclaração, se era uma pessoa LGBTQIAPN+, obteve-se 80,6% para não e 19,3% para sim.

Em nossa pergunta interna à equipe por meio do instrumento de coleta que produziu os dados gerais da pesquisa, questionamos se a inscrição teria, de alguma forma, relação com o tema LGBTQIAPN+, sendo identificadas 305 inscrições relacionadas a essa temática, contabilizando 11,9%.

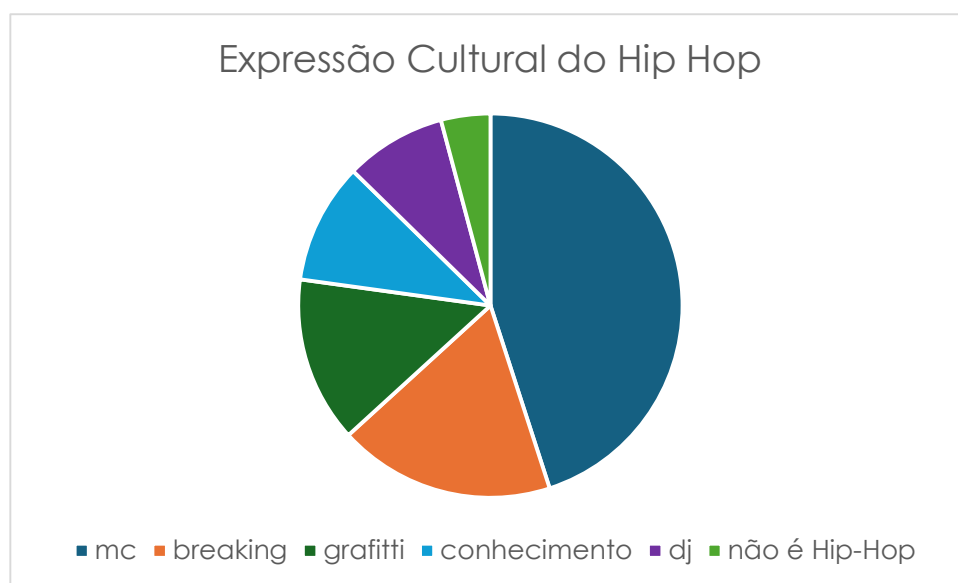


Gráfico 03: Expressão cultural do *Hip-Hop*

Para a resposta acerca das expressões da cultura *Hip-Hop*, observa-se que, no Gráfico 3, a maior parte das inscrições foram de MCs, com 45%, seguidas por *breaking*, (18,2%), *grafitti*, (13,9%), conhecimento (10,1%), DJ (8,5%) e não é *Hip-Hop* (4,15%). Nesse tópico, foi pertinente acrescentar essa última categoria, pois havia proponentes que não tinham conexão com o *Hip-Hop* comprovada no portfólio enviado, mas, mesmo assim, se inscreveram. Como foi o caso de grupos de teatro, festas noturnas e de capoeira, que apesar de terem seu reconhecimento, não eram *Hip-Hop*, sendo que o objetivo desse edital foi o de premiar exclusivamente iniciativas relacionadas a essa cultura diretamente.

Para o âmbito da faixa etária, 25 a 39 anos foi a categoria que teve maior representatividade, com 56,4% do total, seguida por 40 a 59 anos (34,2%), 18 a 24 anos (8,2%) e, por fim, 60 anos ou mais (1,1%). A seguir, vamos analisar a distribuição dos dados pelo Brasil.

Estados Brasileiros	
SP	444
RJ	282
MG	190
PR	158
RS	157
BA	153
DF	140
GO	131
PE	101
PA	79
MA	78
PB	73
SC	67
AM	66
CE	61
ES	50
AL	49
RN	43
AC	36
AP	33
MS	32
PI	31
TO	29
MT	23
RO	17
RR	14
SE	14

Tabela 1: Estados Brasileiros

Exclusivamente na Tabela 1, optamos por sinalizar a numeração de inscrições no lugar das porcentagens por ser mais significativa a visualização do conteúdo. Enfatiza-se que os cinco estados com mais inscrições foram São Paulo (17,4%), Rio de Janeiro (11%), Minas Gerais (7,4%), Paraná (6,1%) e Rio Grande do Sul (6,1%).

Para os entendimentos dos dados nos tópicos étnico-culturais, 62% dos proponentes se autodeclararam como negros e 37,9% como não negros. Essa

escolha por classificar como negros e não negros não foi nossa, e sim da Plataforma Cultura Viva. Preferencialmente, as categorias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) seriam mais adequadas para representar a diversidade.

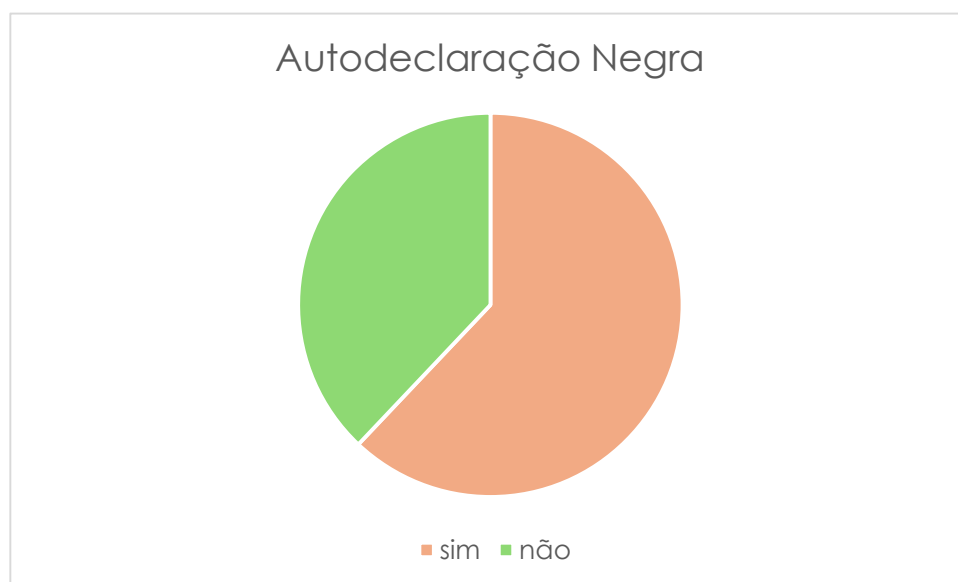


Gráfico 4: Autodeclaração Negra

Também obtivemos os dados para a autodeclaração de pessoas pertencentes a comunidades tradicionais. Como resultado, 93,3% informaram que não fazem parte; 1,4% eram de comunidades tradicionais indígenas; e 5,1% pertenciam a comunidades tradicionais. Ainda nesse âmbito, foi questionado o pertencimento a comunidades de terreiros diretamente, chegando à marca de 6,19%, no total de 518 proponentes.

Em nossa pergunta interna à equipe por meio do instrumento de coleta que produziu os dados gerais da pesquisa, questionamos se a inscrição teria, de alguma forma, relação com o tema Povos de Terreiro, sendo identificadas 172 inscrições relacionadas a essa temática, contabilizando 6,7%.

Ainda nesse âmbito, no cadastro do site Cultura Viva, foi feita a seguinte pergunta: “A candidatura contribui para a promoção de intercâmbio com outras formas artísticas afins à cultura Hip-Hop, em particular as expressões culturais afro-brasileiras de matriz africana e de terreiros, criando novas associações, inovações para além dos cinco elementos consagrados?”. Nesse resultado, 54,4% responderam que sim e 45,5% que não.

A outra pergunta que esteve na plataforma e pudemos registrar o resultado foi: “A candidatura contribui para a promoção da cultura Hip-Hop por meio de ações educativas formais ou informais, com benefício direto a crianças, adolescentes e jovens, que proporcionem experiência e aprendizado mútuo?”. Para essa contagem, 82,6% responderam que sim e 17,3% que não.

Portanto, como análise do resultado preliminar dos dados, podemos indicar o seguinte perfil para o cenário: a maior parte dos inscritos foram homens cis, heterossexuais, MC's, negros, com idades de 25 a 39 anos, da região Sudeste e que sinalizam a importância da educação no movimento *Hip-Hop*. Além disso, há uma ampla maioria do potencial educador presente na cultura *Hip-Hop* e sua conexão com outras expressões da cultura afro-brasileira.

Após esse levantamento dos dados do edital do Ministério da Cultura em conjunto com a Construção Nacional do Hip-Hop, abordamos aspectos contemporâneos presentes na relação do *Hip-Hop* com o movimento negro educador.

Movimento *Hip-Hop* negro educador

60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente.¹⁶

A referida epígrafe diz respeito a um trecho da música “Capítulo 4, Versículo 3”, composta por Mano Brown no álbum *Sobrevivendo do Inferno* do grupo Racionais MC's, do ano de 1997. No destaque, identifica-se um movimento de denúncia com dados bem apurados acerca das universidades brasileiras no período, da violência policial e da morte da

¹⁶ CAPÍTULO 4, Versículo 3. [S.l.: s.n.], 2015. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Racionais TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gFnJldA1Xg>. Acesso em: 10 set. 2024.

população negra e, de pano de fundo, há a ascensão do neopentecostalismo nas periferias brasileiras.

Conforme destacou Munanga:

Vozes eloquentes, estudos acadêmicos qualitativos e quantitativos recentes, realizados por instituições de pesquisa respeitadíssimas como o IBGE e o Ipea, não deixam dúvidas sobre a gravidade gritante da exclusão do negro, isto é, dos pretos e mestiços na sociedade brasileira. Fazendo um cruzamento sistemático entre o pertencimento racial e os indicadores econômicos de renda, emprego, escolaridade, classe social, idade, situação familiar e região ao longo de mais de 70 anos desde 1929, Ricardo Henriques chega à conclusão de que “no Brasil, a condição racial constitui um fator de privilégio para brancos e de exclusão e desvantagem para os não-brancos. Algumas cifras assustam quem tem preocupação social aguçada e compromisso com a busca de igualdade e equidade nas sociedades humanas”: do total dos universitários brasileiros, 97% são brancos, 2% negros e 1% descendentes de orientais; sobre 22 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza, 70% deles são negros; sobre 53 milhões de brasileiros que vivem na pobreza, 63% deles são negros. Deduz-se dessa pesquisa que, se por um passe de mágica, os ensinos básico e fundamental melhorassem seus níveis para que os alunos pudessem competir igualmente no vestibular com os estudantes oriundos dos colégios particulares bem abastecidos, os alunos negros levariam cerca de 32 anos para atingir o atual nível dos alunos brancos. Isso supõe que os brancos fiquem parados em suas posições atuais esperando a chegada dos negros, para juntos caminharem no mesmo pé de igualdade. Uma hipótese improvável, melhor, inimaginável.¹⁷

Neste momento, 27 anos após o lançamento da música “Capítulo 4, Versículo 3”, obtém-se um dado de superação dessa margem acerca do número de negros e negras nas universidades brasileiras, em especial, nas universidades públicas. A soma de autodeclarados pretos e pardos em 2019 nas universidades era de 48,5%, conforme dados do SOU_Ciência (2023).

¹⁷ MUNANGA, 2002, p. 32-33.

Tabela 2: Distribuição percentual por cor/raça de ingressantes (Ifes 2010-2019)

Cor / Raça	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Aluno não quis declarar cor / raça	25,8%	22,4%	21,0%	22,8%	33,0%	22,5%	16,4%	12,6%	11,7%	9,6%
Branca	18,6%	22,1%	22,2%	23,8%	31,0%	35,5%	36,9%	37,8%	38,0%	39,7%
Preta	5,5%	5,6%	5,9%	6,1%	6,7%	8,7%	9,6%	10,9%	10,5%	10,7%
Parda	11,2%	14,7%	14,4%	18,0%	27,5%	31,2%	35,1%	36,4%	37,7%	37,8%
Amarela	2,0%	1,5%	0,8%	1,0%	1,0%	1,3%	1,3%	1,5%	1,2%	1,3%
Indígena	0,2%	0,2%	0,2%	0,3%	0,5%	0,8%	0,8%	0,8%	0,9%	0,8%
Não dispõe da informação (Não resposta)	36,7%	33,7%	35,4%	28,1%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Fonte: Elaboração própria com dados do Censo da Educação Superior (INEP, dados armazenados pelos autores, 2023)



Figura 01: SOU_ciência.

Fonte: INEP. Censo da Educação Superior 2023: Análise dos dados de matrículas e ingressos. Brasília: INEP, 2023.

Cabe destacar que a educação sempre foi uma das principais bandeiras de luta do movimento negro organizado em âmbito afro-diaspórico. A denúncia acerca das péssimas condições de ensino da população negra na diáspora, e a reivindicação pela mudança desse quadro pode ser visualizada em diferentes esferas da cultura *Hip-Hop*, que tem como um dos elementos centrais o conhecimento, tamanha a valorização e relevância de uma compreensão mais abrangente da educação.

Para Gonçalves e Silva¹⁸, analisar o Movimento Negro e a Educação exige fazer sempre uma reflexão em torno do passado para a agenda estabelecida na atualidade com vistas ao futuro. Poeticamente, seria quase como um movimento de *sankofar*.

Agora, são os jovens que trazem a marca de seus próprios movimentos, de seus grupos de estilo: Hip-Hop, funk e outros. Estudos têm mostrado o quanto estes grupos têm servido para desenvolver nos jovens o espírito crítico, ajudando-os a fazer uma leitura mais criativa do mundo. Entretanto, esses jovens continuam defasados e, muitos, excluídos do sistema de ensino regular. Enfim, este continua sendo um problema crucial para a educação dos negros no Brasil, um velho problema. Isto

¹⁸ GONCALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, dez. 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2024.

explica por que os movimentos negros, embora convencidos da importância dos grupos de estilos, continuam a reivindicar educação escolar para todos. O problema que se nos coloca é como combinar as duas estratégias educativas.¹⁹

Dessa forma, cabe considerar que os fundamentos da educação para o movimento negro, ou seja, os seus princípios éticos, políticos e estéticos, se baseiam na possibilidade de movimento e ampliação de trânsito, atravessada pelos valores civilizatórios afrodiáspóricos amplamente veiculados a partir de Azoilda Trindade (Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperativismo e/ou Comunitarismo, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Energia Vital (Axé) e Oralidade).²⁰

Nessa direção, a cultura *Hip-Hop* tem sido essencial para a construção de uma agenda educacional em uma perspectiva que considera a agência da população negra.

O Movimento Negro e o Movimento *Hip-Hop*, que são complementares, têm desempenhado, ao longo de décadas, papéis fundamentais na luta por direitos civis e sociais, principalmente no que se refere às populações negras e periféricas. Ambos podem ser considerados movimentos educadores, pois contribuem para a formação de uma consciência crítica, proporcionando espaços de aprendizagem, diálogo e resistência. Nesse contexto, a convergência entre esses dois movimentos ocorre não apenas na luta contra o racismo e a exclusão social, mas também na criação de espaços que promovem uma educação emancipatória. Para tal entendimento, este artigo se baseou nas concepções de Nilma Nilo Gomes²¹ sobre Movimento Negro Educador. O *Hip-Hop* enquanto movimento cultural é frequentemente identificado como uma extensão significativa do Movimento Negro Educador, desempenhando também um papel pedagógico importante na

¹⁹ GONCALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, dez. 2000. p. 156. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2024.

²⁰ A esse respeito, ver: <https://reaju.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/valores-civilizatorios-afrobrasileiros-na-educacao-a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

²¹ GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

formação da juventude negra, principalmente nas periferias urbanas. Ao articular o *Hip-Hop* com o Movimento Negro Educador, observa-se uma confluência de práticas que promovem tanto a conscientização racial quanto a resistência às desigualdades sociais.

Ao falar diretamente sobre a marginalização e exclusão, o *Hip-Hop* amplia as fronteiras da militância tradicional, propondo uma reconfiguração da identidade negra no Brasil²². Esse fenômeno não se limitou à denúncia racial, mas englobou também uma crítica social mais ampla, que conecta as lutas das populações negras às de outros grupos periféricos. Por meio do *rap*, por exemplo, as letras vão além do protesto racial, costurando alianças entre diferentes setores da sociedade que enfrentam opressão. Nesse sentido, o *Hip-Hop* representa uma nova forma de protagonismo negro, que busca fortalecer a autoestima de seus adeptos, promovendo *slogans* que valorizam a identidade racial, ao mesmo tempo que rejeitam o distanciamento discursivo das elites e das instituições formais.

Um aspecto importante seria a adoção crescente do termo "preto" em exclusão de "negro", uma escolha linguística que não é meramente estética, pois reflete a intenção de afirmar uma identidade mais radical e próxima da realidade periférica. Ao distanciar-se das antigas vanguardas do movimento negro, o *Hip-Hop* criou um espaço de resistência que desafia estruturas históricas e institucionais, reafirmando a importância da cultura como ferramenta de transformação social. Assim, o *Hip-Hop* não apenas revitaliza o movimento negro, mas também coloca em pauta a necessidade de rever as formas de luta e de representação da população afro-brasileira. Ele propõe uma insurgência que ultrapassa as fronteiras do ativismo, ao mesmo tempo que faz ecoar as vozes de quem, historicamente, foi silenciado. Para Petrônio Domingues, o *Hip-Hop* seria a quarta fase do Movimento Negro:

Alguns elementos sinalizam que no início do terceiro milênio está se abrindo uma nova fase do movimento negro, com a entrada em cena do movimento Hip-Hop, por vários motivos. Trata-se de um movimento cultural inovador, o qual vem adquirindo uma crescente dimensão nacional; é um movimento popular, que fala a linguagem

²² DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, [s.l.], v. 12, p. 100-122, 2007.

da periferia, rompendo com o discurso vanguardista das entidades negras tradicionais.²³

Corrochano e Ceriaco, no artigo "Rap e o Movimento Negro Educador: Juventude negra no protagonismo da lei 10.639/03"²⁴, fizeram uma análise histórica e educacional do surgimento do *Hip-Hop* no Brasil, situando-o nos bailes de São Paulo, no início dos anos 1980. Esses encontros, marcados por expressões artísticas como o DJ, o *breaking*, o *graffiti* e as rimas improvisadas, foram responsáveis por consolidar o movimento *Hip-Hop* no país.

Para as autoras, o *Hip-Hop* desempenha um papel na afirmação identitária, bem como na educação política da juventude negra, especialmente no contexto da implementação da Lei 10.639/03²⁵, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Essa análise reforça a compreensão de que o *Hip-Hop*, assim como o Movimento Negro Educador, tem sido um espaço de resistência e aprendizado.

A reflexão de que o *rap* desperta interesse em temas como história, sociedade e narrativa, mencionada por Tiarajú D'Andrea,²⁶ sugere que o gênero musical vai além de um simples entretenimento. O *rap*, ao descrever o cotidiano das periferias, não apenas expõe as realidades sociais dos indivíduos ali presentes, mas também propicia um pertencimento coletivo. Ao cantar o que vivenciam, os artistas não só documentam experiências individuais, mas dão voz a uma comunidade maior, o que D'Andrea define com o conceito de "sujeito periférico".

Nesse sentido, o *rap* pode ser visto como uma ferramenta de intervenção na cultura, aproximando-se do que Stuart Hall²⁷ identificou como

²³ DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, [s.l.], v. 12, p. 100-122, 2007. p. 119.

²⁴ CERIACO, Michel da Silva; CORROCHANO, Maria Carla. Rap e o movimento negro educador: juventude negra no protagonismo da Lei 10.639/03. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 269-284, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73435>. Acesso em: 22 out. 2024.

²⁵ BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 21 mar. 2025.

²⁶ D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: FFLCH, 2013.

²⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

"representação cultural", na qual a identidade seria uma construção dinâmica que se produz e reproduz nas interações sociais. A partir dessa perspectiva, o *rap* pode ser compreendido como um dispositivo pedagógico informal que media o entendimento crítico de seus ouvintes sobre sua própria realidade, ao mesmo tempo que propõe uma análise indignada da violência nas periferias brasileiras.

Quando Ana Souza²⁸ afirma que os jovens *rappers* reinventam e atribuem novos sentidos ao letramento escolar, ela explora a tensão entre a educação formal e as práticas culturais periféricas. Esse processo de reinvenção pode ser entendido a partir da noção de "letramento crítico", conforme discutido por Paulo Freire²⁹, que vê a educação não como um processo de mera aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas como um ato político e social, em que o sujeito transforma sua realidade ao entendê-la criticamente.

Assim, o *rap* e o *Hip-Hop* não apenas contestam o espaço da educação tradicional, mas ressignificam suas ferramentas, criando uma sociabilidade que desafia as formas cristalizadas de legitimação. Essa prática evidencia que os jovens das periferias não apenas resistem ao modelo escolar excludente, mas constroem suas próprias formas de letramento, em um processo de "reexistência" que, ao mesmo tempo que subverte, também reformula o papel da educação.

Essa reconfiguração do letramento também dialoga com as teorias de bell hooks³⁰, que defende a educação como uma prática de liberdade, na qual os jovens têm a capacidade de transformar as estruturas de poder que tradicionalmente os oprimem. Ao discutir os "letramentos de reexistência", Souza³¹ aponta para a capacidade dos jovens das periferias de criar formas

²⁸ SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

²⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, 2014.

³⁰ hooks, bell. *Teaching to transgress. Education as the practice offreedom*. Nova York/Londres: Routledge, 1994.

³¹ SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

de articulação de suas identidades sociais, enfrentando um modelo de letramento tradicionalmente excludente.

No contexto do *rap* e do *Hip-Hop*, os letramentos de reexistência emergem como uma forma de expressão que permite à juventude negra brasileira resistir, ao mesmo tempo que cria espaços alternativos de conhecimento e identidade. O álbum *Sobrevivendo no Inferno*³², dos Racionais MC's, é um marco do movimento *Hip-Hop* Educador. Com sua firmeza e honestidade sobre as realidades enfrentadas pelos jovens negros, exemplifica essa prática de resistência cultural. O *rap* não é apenas música; é uma declaração política que narra as experiências de violência, racismo e exclusão, enquanto simultaneamente constrói uma forma única de resistência ao estruturalismo imposto pelo sistema educacional.

Sposito³³ reconhece que o *Hip-Hop* e o *rap* criam uma forma de interação entre a cultura jovem e o universo escolar. Esse fenômeno pode ser analisado à luz da teoria de Pierre Bourdieu³⁴ sobre capital cultural e *habitus*, na qual as práticas culturais dominantes nas periferias, embora inicialmente desvalorizadas pelas instituições escolares, acabam sendo incorporadas pela cultura dominante. O movimento *Hip-Hop*, ao criar suas próprias formas de letramento e sociabilidade, altera o *habitus* das instituições educacionais, forçando-as a dialogar com essas novas formas de expressão. A música, nesse contexto, assume um papel educativo que transcende o espaço formal da sala de aula, promovendo uma educação que nasce nas ruas, onde a prática cotidiana dos jovens *rappers* desafia a lógica escolar e propõe formas alternativas de aprendizado.

Portanto, a prática dos rappers e do movimento Hip-Hop foram fundamentais para promover um movimento educativo originado fora das escolas, que impactou essas instituições, promovendo "uma nova forma de interação do universo escolar com a cultura e as práticas jovens que nascem na rua".³⁵

³² SOBREVIVENDO ao inferno. Compositores: Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue. São Paulo: Cosa Nostra, 1977. 1 CD (1h13min).

³³ SPOSITO, Marília Pontes. Associabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, 1993.

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Lúcia E. M. de Lima. São Paulo: Edusp, 1984.

³⁵ SPOSITO, Marília Pontes. Associabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, 1993. p. 175.

Nilma Lino Gomes argumenta que Movimento Negro Educador se educa e reeduca a sociedade para uma educação antirracista. Assim, ela considera parte do Movimento Negro Educador todo coletivo ou indivíduo que tem consciência crítica na luta contra o racismo.³⁶ Podemos considerar tal perspectiva para afirmar dois pontos. O primeiro é considerar o Movimento *Hip-Hop* como parte integrante do Movimento Negro e, como defendido, especialmente como parte integrante do Movimento Negro Educador, um Movimento *Hip-Hop* Educador, promovendo uma pedagogia da diversidade que desafia a pedagogia tradicional. Esse argumento está alinhado com as ideias de Paulo Freire³⁷ sobre a educação como um ato libertador, em que o oprimido se torna sujeito de sua própria história.

O *rap*, nesse contexto, assume um papel fundamental na formação de uma consciência crítica, particularmente entre os jovens negros e periféricos, que encontram nas letras e no discurso do *Hip-Hop* uma forma de combater o racismo e de afirmar suas identidades positivamente.

Perciliano³⁸ destaca a influência dos movimentos sociais, especialmente os relacionados à música negra, na construção de políticas públicas, como a Lei 10.639/03. Esse ponto remete à teoria dos movimentos sociais de Alain Touraine³⁹, que vê a cultura como um espaço privilegiado de luta social. A música, e particularmente o *rap*, foi instrumental na visibilidade das demandas do Movimento Negro, não apenas como uma forma de denúncia das desigualdades raciais, mas como uma prática que mobiliza a sociedade civil e pressiona por mudanças institucionais.

O *rap*, ao se consolidar nos anos 1990 e 2000, trouxe consigo uma agenda política que dialogava com as demandas do Movimento Negro e reforçou a necessidade de inclusão das questões étnico-raciais no currículo

³⁶ GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

³⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, 2014.

³⁸ PERCILIANO, Michele. No ritmo da poesia: o rap e o hip hop como estratégia didática para ensino da história da África e da cultura afrobrasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2017, Anais [...]: UNESPAR, 2017. p. 1341-1348.

³⁹ TOURAINE, Alain. *A voz e o olhar: os movimentos sociais e a cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

escolar, culminando na conquista da Lei 10.639/03.⁴⁰ A partir desse ponto, o rap pode ser entendido como uma prática educativa que transcende a sala de aula, desempenhando um papel crucial na reconfiguração das narrativas sobre raça e identidade no Brasil.

A música negra tem muita força e muitas das mudanças sociais existentes na atualidade tiveram como pano de fundo os movimentos sociais nascidos no contexto dos mais diversos estilos e não seria diferente com o movimento negro. Como os movimentos sociais geralmente vêm da comunidade para a universidade, esses movimentos influenciaram na criação de leis como, por exemplo, a lei 10.639/03.⁴¹

A conexão entre o *Hip-Hop* e a educação política é um tema central na obra de Elaine Nunes de Andrade, *Rap e educação, rap é educação*.⁴² Para Nunes, o *Hip-Hop* não seria apenas um movimento artístico, mas também um movimento social que possibilita a formação política dos jovens negros, proporcionando-lhes ferramentas para o exercício da cidadania. Nunes argumenta que o rap, enquanto componente do *Hip-Hop*, oferece uma leitura crítica da realidade social, comparável às análises feitas por cientistas sociais⁴³.

A autora enfatiza que o *Hip-Hop* desempenha um papel pedagógico nas posses, grupos organizados dentro do movimento que promovem discussões político-ideológicas e trocas culturais. Esses espaços seriam fundamentais para a construção de uma consciência crítica entre os jovens, permitindo-lhes articular suas demandas. Assim, o *Hip-Hop* tem uma particularidade que outros setores do Movimento Negro não têm. Ao trazer discussões profundas sobre políticas e desigualdades, o *Hip-Hop* traz a educação e ainda oferece um espaço de entretenimento.

Ainda dentro desse contexto, João Batista de Jesus Félix, no capítulo "Entre o Movimento Negro e o Hip-Hop", do livro *Relações Étnico-Raciais e*

⁴⁰ CERIACO, Michel da Silva; CORROCHANO, Maria Carla. Rap e o movimento negro educador: juventude negra no protagonismo da Lei 10.639/03. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 269-284, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73435>. Acesso em: 22 out. 2024.

⁴¹ PERCILIANO, Michele. No ritmo da poesia: o rap e o hip hop como estratégia didática para ensino da história da África e da cultura afrobrasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2017. *Anais [...]*. UNESPAR, 2017. p. 1344.

⁴² ANDRADE, Elaine Nunes de. *Rap e educação, rap é educação*. [S.l.]: Selo Negro, 1999.

⁴³ NUNES, 2010.

Diversidade, aborda o *Hip-Hop* como um movimento que integra lazer e política. Ele destaca que o "Movimento Hip-Hop Organizado" (MH2O) conseguiu unir a diversão com o ativismo político, algo que movimentos anteriores, como a Frente Negra Brasileira, não alcançaram. Segundo Félix, as posses do *Hip-Hop* criaram espaços de formação política e social, como bibliotecas informais, nas quais os militantes trocavam livros e revistas sobre a condição dos "pretos" oprimidos, bem como sobre estratégias para fazer política no Brasil⁴⁴. Esses espaços de educação informal revelam o caráter pedagógico do *Hip-Hop*, que vai além das salas de aula e atinge uma parcela da juventude negra que, muitas vezes, não encontra nas instituições formais de ensino o suporte necessário para o seu desenvolvimento.

A análise de Gustavo Gustsack em sua tese de doutorado "Hip-Hop: Educabilidades e Traços Culturais em Movimento" aprofundou a compreensão dos aspectos pedagógicos do *Hip-Hop*. Gustsack explora como as práticas culturais do movimento *Hip-Hop* têm a capacidade de transformar a vida das pessoas de maneiras que a escola e outras instituições formais de educação frequentemente não conseguem. Ele argumenta que o *Hip-Hop* oferece "outros modos de fazer" que geram mudanças significativas, especialmente entre jovens marginalizados.⁴⁵ Para o autor, o *Hip-Hop* estabelece um processo educacional alternativo — ancorado em experiências cotidianas — que desafia as pedagogias convencionais. Esse processo educacional é, muitas vezes, invisibilizado pelas instituições formais, mas, como Gustsack apontou, ele seria crucial para a formação de uma consciência crítica e para o desenvolvimento de uma identidade negra positiva. A pedagogia do *Hip-Hop* não se limita às práticas artísticas, como o *rap* e o *graffiti*, mas se estende às discussões políticas e sociais que ocorrem dentro do movimento.

A pedagogia do *Hip-Hop* evidencia que as práticas culturais do movimento têm um impacto transformador, muitas vezes mais eficaz do que

⁴⁴ FÉLIX, 2018, p. 143.

⁴⁵ GUSTSACK, Felipe. *Hip-hop: educabilidades e traços culturais em movimento*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. p. 21.

as pedagogias tradicionais. O *Hip-Hop*, portanto, deve ser reconhecido como um componente central do Movimento Negro Educador, uma ferramenta poderosa na luta pela emancipação e pelos direitos da população negra. Dayrell⁴⁶ afirma que a dimensão educativa não se restringe à escola e que as propostas educativas para os jovens podem ocorrer fora da lógica escolar tradicional. O *Hip-Hop*, ao ser concebido como "cultura de rua", desempenha uma função educacional fora dos limites institucionais, provando que a aprendizagem e a construção de conhecimento são processos amplamente distribuídos na sociedade. Esses movimentos culturais proporcionam à juventude um espaço para questionar, criticar e resistir às formas de opressão impostas pelas instituições formais, desafiando as fronteiras tradicionais entre a educação formal e a não formal e demonstrando que as ruas podem ser um espaço legítimo de formação política e social. Assim, a cultura *Hip-Hop* é caracterizada como um espaço produtor de conhecimento que as instituições formais devem conhecer para aprender com ela.

Considerações finais

Com base na análise do resultado preliminar dos dados, podemos indicar o seguinte perfil para o cenário: a maior parte dos inscritos foram homens cis, heterossexuais, MCs, negros, com idades entre 25 e 39 anos, da região Sudeste, e que sinalizam a importância da educação no movimento *Hip-Hop*. Esses dados, apesar de terem um caráter fundamental para a compreensão do perfil, não devem ser a única forma para compreender esse movimento plural e diverso. Também se reafirma que essa amostra quantitativa não compõe a magnitude do movimento.

A análise sobre a convergência entre o Movimento Negro e o Movimento *Hip-Hop*, em especial o *rap*, que foi a expressão mais predominante nos dados da pesquisa, revelou a importância desses movimentos como agentes transformadores de consciência social e racial. Ambos desempenham papéis centrais na construção de uma educação

⁴⁶ DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

antirracista, transcendendo o espaço formal das instituições escolares. Através da arte e da cultura, especialmente nas periferias, o *Hip-Hop* tem se consolidado como uma ferramenta pedagógica poderosa, permitindo que jovens negros desenvolvam um olhar crítico sobre suas realidades e fortaleçam suas identidades. Esse processo de conscientização reflete a capacidade dos movimentos culturais de impulsionar mudanças sociais e políticas, como a implementação da Lei 10.639/03, que marca uma vitória significativa no reconhecimento da história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Portanto, ao promover o diálogo entre o *Hip-Hop* e o Movimento Negro Educador, observa-se uma ressignificação das práticas pedagógicas, em que a educação formal e os saberes periféricos encontram novos caminhos de articulação. Essa pedagogia da diversidade desafia as estruturas tradicionais e aponta para a construção de uma sociedade mais inclusiva e antirracista. O impacto desses movimentos vai além da formação individual, abrangendo transformações coletivas que reconfiguram as narrativas sobre raça, desigualdade e resistência, reafirmando o protagonismo das populações negras e periféricas na luta por cultura, justiça e equidade.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Elaine Nunes de. *Rap e educação, rap é educação*. [S.l.]: Selo Negro, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Lúcia E. M. de Lima. São Paulo: Edusp, 1984.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 21 mar. 2025.

CERIACO, Michel da Silva; CORROCHANO, Maria Carla. Rap e o movimento negro educador: juventude negra no protagonismo da Lei 10.639/03. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 269-284, 2024. Disponível

em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73435>. Acesso em: 22 out. 2024.

CONSTRUÇÃO Nacional: 50 anos da cultura hip-hop. *Inventário participativo da cultura hip hop brasileira*. [S.l.: s.n.], 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/iphane/pt-br/assuntos/noticias/movimento-realiza-pedido-de-registro-do-hip-hop-como-patrimonio-cultural-do-brasil-1/VersoPrincipallnventrioParticipativo.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

CREDENCIAMENTO artístico para apresentações durante o mês do Hip Hop 2024 segue até domingo (26). *Cidade de São Paulo*, 2023. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/butanta/w/noticias/136144>. Acesso em: 23 set. 2024.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: FFLCH, 2013.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, [s.l.], v. 12, p. 100-122, 2007.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. Curitiba: Appris, 2018.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, 2014.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONCALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, dez. 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2024.

GUSTSACK, Felipe. *Hip-hop: educabilidades e traços culturais em movimento*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASENBALG, Carlos. *Discriminações e desigualdades no Brasil*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

hooks, bell. *Teaching to transgress*. Education as the practice of freedom. Nova York/Londres: Routledge, 1994.

INEP. Censo da Educação Superior 2023: Análise dos dados de matrículas e ingressos. Brasília: INEP, 2023.

JESUS, Adriana do Carmo de. Rap Ensina: As possibilidades educativas que permeiam as práticas do movimento Hip-Hop. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [s.l.], v. 2, n. 4, p. 151-168, 2011.

LIMA, Márcia. A obra de Carlos Hosenbalg e o seu legado à agenda de estudos sobre desigualdades raciais no Brasil. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 919-933, 2014.

LIMA, Márcia. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil: obra de Carlos Hasenbalg quarenta anos depois. *Novos Estudos CEBRAP*, s.d. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/discriminacao-e-desigualdades-raciais-no-brasil-obra-de-carlos-hasenbalg-quarenta-anos-depois/#gsc.tab=0>. Acesso em: 1 out. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. *Sociedade e Cultura*, [s.l.], v. 4, n. 2, 2001.

PERCILIANO, Michele. No ritmo da poesia: o rap e o hip hop como estratégia didática para ensino da história da África e da cultura afrobrasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2017. *Anais [...]*. UNESPAR, 2017. p. 1341-1348.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 13.924, de 22 de novembro de 2004*, institui a Semana do Hip-Hop no Município de São Paulo, a ser comemorada, anualmente, na segunda quinzena do mês de março, e dá outras providências. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo, 2004.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

SPOSITO, Marília Pontes. Associabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, 1993.

TOURAINE, Alain. *A voz e o olhar: os movimentos sociais e a cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

Discografia

CAPÍTULO 4, Versículo 3. [S.l.: s.n.], 2015. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Racionais TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gtFnJldA1Xg>. Acesso em: 10 set. 2024.

MC MARECHAL. *Griot*. Rio de Janeiro: [s/l], 2011.

MC MARECHAL | | Griot. [S.l.: s.n.], 2014. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Âncora Trap. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eH2doV-F1zM>. Acesso em: 10 set. 2024.

RACIONAIS MC's. *Escolha seu caminho*. São Paulo: Zimbabwe, 1992.

RACIONAIS MC's. *Raio X Brasil*. São Paulo: Zimbabwe, 1993.

RACIONAIS MC's. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

SOBREVIVENDO ao inferno. Compositores: Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue. São Paulo: Cosa Nostra, 1977. 1 CD (1h13min).